A REINVENÇÃO DO PENSAMENTO FREIRIANO HOJE[1]

Carlos Ângelo de Meneses Sousa ORCID 0000-0001-9228-3420
carlosangeloms@gmail.com
Universidade Católica de Brasília

RESUMO
O artigo é fruto da conferência de abertura das JORNADAS LUSO-BRASILEIRAS SOBRE PAULO FREIRE E DARCY RIBEIRO, promovidas pelo Instituto Europeu de Estudos Superiores de Portugal e pela Universidade Federal de Catalão, Brasil. O pensamento freiriano possui um legado de grande monta para a educação mundial. A contribuição de Paulo Freire é apresentada enquanto uma filosofia da educação e não tanto, enquanto método. O acento é sobre o modo de pensar, a base epistemológica freiriana, e menos sobre os métodos de ensino. A base que fundamenta e fecunda a reinvenção, a inovação, é a filosofia, o desenvolvimento de um modo de pensar sobre a realidade. Com base nos desafios contemporâneos, advindos especialmente das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação em um cenário de pandemia, são apresentadas experiências que atualizam o legado freiriano em relatos de professores e educadores populares.
Palavras-chave: Paulo Freire. Filosofia. Educação. Inovação. Epistemologia do Sul.

ABSTRACT
The reinvention of the Freirean thought today
This article is the opening conference of the seminar Luso-Brazilian Perspectives on Paulo Freire and Darcy Ribeiro, sponsored by the Higher Studies European Institute, Portugal, and the Federal University of Catalão, Brazil. The Freirean thought is a great legacy for world education. His contribution is presented predominantly as an education philosophy than a teaching method. It emphasizes his perspective, his epistemological foundation, no minimizing the importance of teaching methods and techniques. Philosophy is the grounding basis that fertilizes its reinvention, as well as innovation and a way to think about the reality. Contemporary challenges, coming particularly from information and communication technologies in the pandemic background, offers experiences updating Freirean heritage reported by teachers and popular educators.
Key words: Paulo Freire. Philosophy. Education. Innovation. Epistemology from the South.

RESUMEN
La reinvención del pensamiento de Freire hoy
Este artículo es la conferencia inaugural del seminario sobre La perspectiva luso-brasileña sobre Pablo Freire y Darcy Ribeiro, promovido por el Instituto Europeo de Estudios Superiores, Portugal, y la Universidad Federal de Catalão, Brasil. El pensamiento de Freire es un grande legado para la educación mundial. Su contribución es aquí presentada predominantemente como filosofía educativa y menos como un método de enseñanza. Este trabajo enfatiza este abordaje, sin minimizar la relevancia de los métodos y técnicas de enseñanza. La filosofía es la basis que fertiliza su reinvención, así como su innovación y la perspectiva para pensar sobre la realidad. Los desafíos contemporáneos, oriundos particularmente de las tecnologías de la información y comunicación en el escenario

[1] O texto que se segue foi apresentado oralmente na abertura das JORNADAS LUSO-BRASILEIRAS SOBRE PAULO FREIRE E DARCY RIBEIRO, promovido pelo Instituto Europeu de Estudos Superiores – Portugal, no dia 20 de maio de 2022.

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 de dezembro 2022

pandémico, ofrece experiencias que actualizan la herencia de Freire, tal como reportada por docentes y educadores populares.
Palabras clave: Pablo Freire. Filosofía. Educación. Innovación. Epistemología del Sur.

Um bom dia para todos e todas presentes nestas JORNADAS LUSO-BRASILEIRAS SOBRE PAULO FREIRE E DARCY RIBEIRO que tenho a honra de proferir a conferência inaugural.

Quero expressar o meu contentamento pela oportunidade de singrar o oceano que nos separa, o Brasil de Portugal e Portugal do Brasil. Os nossos antepassados outrora navegavam no Oceano Atlântico nas potentes e intrépidas naus lusitanas que demoravam meses para chegar a um porto seguro e encetar uma comunicação direta, à viva voz ou em formas de missivas, cartas. Poderosas tecnologias daquela época propiciavam o rompimento e alargamento do tempo e do espaço: as naus e seus instrumentos de rota, o papel e a tinta!

Hoje repetimos essa trajetória por meio de fibras óticas imersas no oceano e/ou concomitantemente via ondas da internet, propagadas e replicadas por poderosos satélites espaciais. Estamos em outros tempos, em outro momento da história. As tecnologias da comunicação e informação no presente tempo. que preparei minha exposição para esta conferência de abertura neste evento binacional sobre o pensamento de Paulo Freire e de Darcy Ribeiro, este segundo meu colega de formação, isto é, um cientista social, um antropólogo, nos oportunizam estar face a face e ouvirmo-nos em tempo real. Estes dois pensadores, ambos de pensamento inquietante, próprios dos utópicos ou, se quisermos, “dos proféticos” (GOMES, 2005), dos que anunciam novas realidades em meio a um mundo que mecaniza, automatiza e tende a tolher, explicitamente ou sutilmente a pulsação de vida.

Pois é, neste tempo atual, as suas obras, seus pensamentos e ideais marcam a história da educação no Brasil, em Portugal e no mundo, especialmente Paulo Freire. Hoje o nosso universo e a comunicação se digitalizaram. Novos vocábulos estrangeiros colonizam nossa poética língua portuguesa: *byte*, *megabyte*, *gigabyte*, *hardware*, *software*, *e-mail* e assim por diante. Sendo a língua a alma de um povo, como dizia Fichte

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 de dezembro 2022

(1966), o que pensar dessas e de outras metamorfoses colonizadoras em âmbito local e mundial?

Tal ideia, a de uma identificação e associação automática entre tecnologia e progresso, quando apressada no pensar e cotejar a realidade em sua complexidade, me faz lembrar Arendt (2001, p. 29) ao nos advertir sobre os mercados de crenças alienantes hodiernamente, em suas palavras "o progresso, por certo, é um dos artigos mais sérios e complexos encontrados no mercado de superstições de nosso tempo".

O título dessa conferência é "A reinvenção do pensamento freiriano hoje". Convido a todos(as) a pensar a contribuição de Paulo Freire enquanto uma filosofia da educação e não tanto um método. O acento que eu quero dar é sobre o modo de pensar, a base epistemológica freiriana, pois, se assim seguirmos, veremos que, sem minimizar a importância das técnicas e métodos de ensino, a base que fundamenta e fecunda a reinvenção ou, em um vocábulo mais afeto à mídia e *marketing*, a inovação, é a filosofia, o desenvolvimento de um modo de pensar sobre a realidade. Sem ela, o método e a técnica são ocos, destituídos de sentido original e consequentemente se transformam em meros instrumentos a serviço de ideologias não professadas, mas presentes de forma camuflada ou não. O próprio Freire nos indica essa perspectiva ao mencionar que não devemos nos acomodar ao ocorrido, ao já visto. Em suas palavras: "ver o que foi visto anteriormente de novo, quase sempre envolve ver ângulos não percebidos. A leitura posterior do mundo pode ser feita de uma forma mais crítica, menos ingênua, mais rigorosa " (FREIRE, 1997, p. 27).

Assim, o convite é para nos imbuirmos da causa educacional e do espírito filosófico de Paulo Freire deixado como legado a toda a humanidade e, se formos realmente freirianos, essa humanidade se traduzirá especialmente no compromisso com o mundo, não um mundo abstrato, distante, mas o mundo, tanto global, quanto local, sobretudo na escuta ativa do(a) educando(a) em vista da transformação de si e do meio ao seu redor. Educar é, para Paulo Freire, um ato amorosamente emancipador, libertador de si e do meio, da sociedade: uma emancipação social que não separa o indivíduo da sociedade, pois historicamente se fazem e se refazem.

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 de dezembro 2022

Advogamos a não separação da tradição e inovação, as compreendemos como amálgama consistente de reciprocidade fecunda, gerando uma reinvenção surgida como brotos vicejantes da

> […] consolidação de uma tradição, um reconhecimento da viva memória que alimenta, sustenta e gera novos e vigorosos brotos em uma frondosa árvore que é a obra escrita e vivida de Paulo Freire. A tradição que viceja não nega, antes pavimenta o novo, a inovação, pois é, a partir da tradição, de um clássico que, geralmente, se apresenta e vinga, crescem as melhores e mais frutuosas experiências de inovação, não qualquer inovação, mas aquela que na continuidade da tradição, a assume e a transforma, renovando-a à luz e necessidades dos contextos históricos que se apresentam a cada tempo da existência humana em suas diferentes instituições sociais, na própria sociedade (SOUSA, 2021, p. 69).

Compreender uma perspectiva de indissociabilidade entre a tradição e a inovação, que se quer crítica, implica em perceber que a inovação deve se nutrir da tradição fecunda e fecundada pelo novo, de uma tradição ávida pela sua continuidade, reconfigurada no novo que inexoravelmente desponta, mas que não de qualquer forma, mas em formas consistentes, pois não nega, antes afirma e ressignifica a fecundidade já consolidada e testada da tradição ao longo do tempo, despontando robustamente e, muitas vezes, sem alardes, pois se impõe à realidade, pois dela é parte constitutiva, com ou sem propagandas midiáticas, estas últimas, em geral tão destituídas de veracidade e, por isso, tão ávidas de *show* e de aparência impactante, mas fugaz.

As bases ética, política, estética e pedagógica do pensamento de Paulo Freire

A filosofia da educação freiriana, que sustenta sua antropologia e pedagogia, não é e nem deve ser vista como um discurso complexo e de difícil acesso aos que não possuem uma base filosófica. Ao contrário, ela deve ser compreendida como "[…]um modo de ver a vida e, mais ainda, "[…] um modo de viver: teórico / prático, "senti-pensante", sempre em busca, sempre atento à nossa condição de seres inacabados, que estamos fazendo-nos na história" (Holliday, 2021, p. 48).

A filosofia da educação freiriana é uma filosofia baseada em uma concepção histórica, que não dissocia o sujeito e a sociedade, estando ambos imbricados e implicados em uma reciprocidade de condicionamentos, reprodução e uma constante e

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 de dezembro 2022

pulsante antropologia filosófica que não se dissocia da história, do chão em que se dá o processo educativo, imerso nas culturas nativas.

Não é à toa que Paulo Freire ao partir da realidade imediata dos(as) educandos(as) e de seus vocabulários, de sua cultura local, de sua leitura de mundo, criava assim uma fecunda filosofia da educação que, na experiência de Angicos, conforme Cunha (2013), resgata e atualizou, à época, experiências marginais, de uma história negada como a de Canudos, com uma germinal e poderosa ideia de um Brasil alfabetizado e consciente.

Um exemplo da presença freiriana na educação em tempos digitais

Nesse sentido quero exemplificar essa reinvenção do pensamento freiriano em nossos dias, expondo uma experiência que tive o prazer de participar no ano passado, quando da comemoração do centenário de nascimento de Paulo Freire. Quero mostrar quando a tradição e a inovação se aquecem mutuamente, à luz de uma inspiração freiriana.

Em que contexto se deu essa experiência? Em plena pandemia da Covid-19. A história é irônica, pois frente a esse caos e diante da proximidade dos 100 anos de nascimento de Paulo Freire em 2021[2], resolveu-se realizar uma atividade de extensão universitária em forma de um colóquio ainda em 2020, intitulado "Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da Palavra". Visou-se celebrar o centenário de nascimento de Paulo Freire e confirmar do ponto de vista político e pedagógico a atualidade de sua obra, que sempre se mostrou como um pensar e agir como luz de esperança, sobretudo aos oprimidos e um convite universal à humanização.

O colóquio levantou, problematizou e aprofundou temas e questões geradoras no âmbito da educação popular no contexto da Covid-19, considerando os pressupostos freiriano e enfoques críticos da intervenção e pesquisa social. Uma das atividades foi o convite para que os participantes escrevessem uma carta para Paulo Freire no contexto em que viviam de pandemia.

[2] Os trechos que se seguem foram extraídos do texto originalmente escrito, com algumas alterações e adaptações, para o Colóquio "Cartas para Paulo Freire: da deltura do mundo à leitura da palavra" e publicado em Sousa (2021, p. 69-73).

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 de dezembro 2022

Como Paulo Freire receberia essas cartas via Internet? Que sentimentos lhe fariam acelerar o coração e que pensamentos lhe assaltariam a mente? Indubitavelmente mergulharia nos relatos de cada educador(a), nas suas palavras, emoções e narrativas. No ano de 2021, Paulo Freire completou 100 anos, um século de vida! Em seu legado, a tradição e a inovação se encontram, não de forma enganosa, em seu pensamento e ação ao longo de sua vida e agora por aqueles indivíduos e coletivos sociais que continuam seus sonhos e projetos de esperança, alinhavadas por uma vigorosa teoria presente em seus escritos e, sobretudo, vivenciada como práxis nas inúmeras ações de educadores(as) populares, movimentos sociais e tantos outros coletivos que promovem uma educação emancipadora.

As cartas foram escritas e enviadas pela Internet, via *e-mail*. Que bom que esse exercício de encontro e diálogo mediado pelas atuais tecnologias digitais da informação e comunicação também podem nos aproximar e diminuir a solidão em tempos de pandemia e necessário distanciamento social, como forma de acolher, proteger, cultivar e estimular a vida. Digo também, porque como toda criação humana, as tecnologias trazem a possibilidade reversa de uma segregação social, do ensimesmamento egoísta da aparência e da disseminação massiva do ódio, das notícias propositadamente falsas, e por isso, mais danosa e perigosa, tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade como um todo.

Conforme escrevi em outro momento, quando pesquisava cartas históricas, destaquei que elas, as cartas, em tempos de Internet e *e-mail*, "já não têm o mesmo espaço que outrora ocupavam na informação, na partilha, formação e fortalecimento de laços afetivos entre índivíduos, grupos e coletividades" (Sousa, 2012, p.293).

E o que dizer de cartas escritas em um tempo presente e dentro de um ambiente de formação de um colóquio pedagógico em tempos de pandemia e em vista de celebrar a viva memória do centenário de nascimento do Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire? Indubitavelmente as cartas, assumem um resgate do melhor da tradição, ainda que por meios renovados nas ondas da Internet. Confirma-se, mais uma vez, que "elas foram e ainda são, fonte riquíssima, um privilegiado registro de como seu remetente apercebe seu meio e, direta ou indiretamente sua época, bem como a si mesmo". Assim a escrita da carta, entendida também "como prática de escrita, de registro de intenções e

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 de dezembro 2022

comunicação, pode velar e desvelar, tanto as tramas e tessituras de uma época, quanto sobre quem a remete e sobre quem a recebe. (SOUSA, 2012, p. 293).

A diversidade dos estilos de escrita de uma missiva revela, como nos lembra Bakhtin (2004, p. 43) que "[...] cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas do discurso na comunicação sócio-ideológica". Dessa forma, as cartas nos oportunizam incursionar nos labirintos e veredas dos pertencimentos políticos e filiações institucionais, bem como expressar seus modos de ver e sentir a realidade que o circunda e o inunda no ser e estar nesse mundo.

Assim, ao ler as diversas cartas, pude ver em suas comunicações os diversos lugares do nosso Brasil, de um Brasil profundo, expressos, por exemplo, em um trecho que narra a situação das favelas e aldeias, que transcrevo agora:

> Outra situação é das favelas e das aldeias, as marcas da desigualdade aumentam o desafio para prevenção e controle da Covid-19 e exigem estratégias intersetoriais adaptadas a contextos diferentes. Uso de álcool gel e máscaras, higienização das mãos e mesmo a recomendação para não sair de casa são medidas que esbarram em realidades brasileiras, ou na ausência de direitos básicos, como saúde, emprego e moradia. Garantir proteção social para as populações em situação de vulnerabilidade, no contexto da pandemia, é também uma forma de promover saúde. Quem tem fome, tem fome hoje, não é amanhã ou daqui a duas semanas. Esse é o desafio trazido pela pandemia: Como lidar com políticas públicas que são de hoje, para hoje, têm que ser pensadas agora, com necessidades muito práticas? (Carta de Antônio Mascarenhas da Ressurreição, 2020)

Essa carta expressa, com realismo e alerta, o fato de que a pandemia da Covid-19 exacerbou os seculares problemas do nosso povo e que, ainda que necessário e bem-vindo, o atendimento imediato e solidário de campanhas diversas, especialmente contra a fome, certamente há de se ter políticas públicas, ações de governo e não, apenas, ações pontuais. Escutar a viva voz dos marginalizados e excluídos, empobrecidos e explorados, postos em situação de vulnerabilidade de toda ordem é fundamental para construirmos uma efetiva democracia, pois ela só se efetivará em nosso país, quando todos forem tratados como cidadãos, tendo seus direitos fundamentais assegurados diuturnamente.

Escutar essas vozes silenciadas ao longo de nossa história requer uma postura ética distinta de quem assume, conscientemente ou não, em sua situação de classe social, ser opressor. A perpetuação da dicotomia opressor-oprimido não gera a tão necessária fraternidade. Aqui é importante lembrar de um dos escritos freirianos, no livro

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 de dezembro 2022

“Pedagogia do Oprimido”, no qual, ele destaca fortemente que o diálogo é condição do fazer-se ser humano. Certamente, apesar de todas as manifestações de desumanização que vemos no cotidiano, há de se ter fé na humanidade, fé em nós mesmos. Todavia, Freire nos alerta sobre como essa fé deve ser cultivada, isto é:

> Contudo não é uma fé ingênua. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter esse poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. Está convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer. Pode renascer. Pode constituir-se. Não gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação. (Freire, 2014, p. 112-113).

E em outra carta, um outro educador relata, enquanto pai e professor de história, como esse tempo de pandemia tem sido vivenciado em seu lar e na sua cidade, em Teresina, no Piauí, no Nordeste do Brasil. Ele escreveu:

> Como professor, o nosso trabalho tem sido muito duro. Desde março desse ano que as aulas presenciais foram suspensas por conta da pandemia. De um lado, a possibilidade de trabalhar em casa foi boa, pois me deixou mais próximo da minha companheira e da minha filhinha de 2 anos. Nada é mais empolgante do quê vê-la fazer as primeiras leituras do mundo, e você estava totalmente certo: a leitura do mundo precede e é indispensável para leitura da palavra. Como ela aprende rápido, o ser humano em sua essência é fascinante. Espero que todo amor que compartilhamos em nossa casa, um dia ela possa despejá-lo mundo afora.
>
> Do outro lado, vem a preocupação com aqueles que não podemos dar o mesmo acompanhamento que dou para minha filha: os estudantes que oriento. A realidade da periferia onde trabalho é cruel: famílias desestruturadas, violência e muita falta de assistência do Estado. É inacreditável como o pensamento mesquinho de alguns liberais considera que no Brasil o “Estado é muito grande, precisamos enxugar a máquina”. A pior máquina existente no Brasil é a miséria, e nessa pandemia ela tem se sofisticado cada vez mais. Por um curto período na história do Brasil se combateu a fome, hoje ela volta a ser realidade. Isso, inevitavelmente, me dói a alma, porém me mobiliza no sentido que precisamos resistir corajosamente. (Carta de Cássio de Sousa Borges, 2020)

A carta desse educador está repleta de pulsações de vida, de práticas educativas que se querem populares, que buscam aprender e conhecer mais, de uma educação escolar e popular que se quererem democráticas, críticas e emancipadoras. A carta possui a fome como afeto, como nos lembra Rubens Alves (2002), o sentir-se afetado lhe faz ir atrás para saciar essa fome de vida em meio a um cenário de estruturas que geram morte.

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 de dezembro 2022

O cultivo do conhecimento científico crítico aprimora essa ação educativa. E nesse sentido reafirmo o que há muito tempo Paulo Freire tinha falado e escrito. Como por exemplo, de que "a prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática [...]" e, ao lidar com o conhecimento, ela "é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização" (Freire, 2001, p. 16); isto é, não se trata de um neutro e indiferente processo de conhecer, mas, antes, um ato que alarga a consciência, conscientiza para as relações com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

Contudo, não há diálogo se a razão e a emoção se apartarem, se distanciarem. Nos recorda Freire (2014, p. 110) "... se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda". Em tempos sombrios como o que vivemos de negação da política, das utopias *light* na expressão de Lipovetsky (2016), vale a pena retomar, mais uma vez, um outro trecho de "Pedagogia do Oprimido", quando Freire destaca a relação entre o fazer ciência e o amar:

> Cada vez me convenço mais da necessidade de que os verdadeiros revolucionários reconheçam na revolução [...] um ato de amor. Para nós, a revolução, que não se faz sem teoria da revolução, portanto sem ciência, não tem nesta uma inconciliação com o amor. [...] Não é devido à deteriorização a que se submete a palavra amor no mundo capitalista que a revolução vá deixar de ser amorosa, nem os revolucionários fazer silêncio de seu caráter biófilo (Freire, 2014, p. 110).

Seu sonho, utopia de ver a sua filinha crescer e "despejar esse amor mundo afora", bem como seus alunos, é fundamental e nosso, pois, se não há um profundo amor ao mundo e ao ser humano e a toda natureza, não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação.

Em tempos como o que vivemos, de negação da política, das utopias *light*, vale a pena enfatizar a importância de vivermos o ato educativo como ato político de construção de uma sociedade nova. Nesse sentido, Arendt (1993) nos recorda da dignidade da política, enquanto dimensão essencial da condição humana.

Como nos lembra Roger Chartier (2002), as obras de um autor, especialmente quando se tornam clássicas, não ficam estáveis, imóveis e não têm sentido universal

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 de dezembro 2022

unívoco. Ao contrário, são ressignificadas constantemente no jogo político de continuidade ou apagamento de sua memória. Esse jogo de indivíduos e coletivos cria "investimentos de significações plurais e móveis, construídas na negociação entre uma proposição e uma recepção", estas se dão "no encontro entre as formas e os motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou as expectativas dos públicos que delas se apropriam" (Chartier, 2002, p. 93).

Nesse sentido, reafirmar pedagogicamente e politicamente a permanência do valor da obra e legado freirianos, cuja tradição se celebra em evento como este, das Jornadas Luso-Brasileiras, estamos a regatar a rica tradição freiriana, apresentando-a às novas gerações, em meio às novas tecnologias, nas ondas da Internet, de forma renovada e inovadora, bem como sua atualidade estonteante em um cenário de negação da vida.

Assim, em tempo frios e de banalidade do mal (Arendt, 1987) a tradição e a inovação em Paulo Freire se aquecem mutuamente e nos propicia renovar as esperanças! Muito obrigado pela presença e escuta!

REFERÊNCIAS

Alves, R. (2002). A arte de produzir fome. Sinapse. **In:** *Folha de São Paulo*, 29/10/2002, p.6. http://goo.gl/JWB870. Retrieved in Jun. 27, 2021.

Arendt, H. (2001). *Sobre a Violência.* 3a. ed. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

Arendt, H. (1993). ***A dignidade da política****: ensaios e conferências.* Rio de Janeiro, Relume Dumará.

Arendt, H. (1987). *Homens em tempos sombrios*. São Paulo, Companhia das Letras.

Bakhtin, M. (Voloshinov, V.). (2004). AKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.* 11. ed. São Paulo, Hucitec.

Chartier, R. (2002*). Os desafios da escrita*. São Paulo, Unesp.

Cunha, C. (2013). De Canudos a Angicos: sobre a ideia de um Brasil alfabetizado e consciente. **In:** Guerra, M., & Cunha, C. (Eds.). *Em Aberto, 26* (90): 105-226.

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 de dezembro 2022

Fichte, J. (1966). *Johann Gottlieb Fichte,* I (3): 1794-1796. Munich, Bayerischen Akademie der Wissenschaften.

Freire, P. *Política e educação: ensaios.* 5. ed. São Paulo, Cortez.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2014.

Gomes, C. (2005). *A educação em novas perspectivas sociológicas*. 4. ed. São Paulo, Ed. Pedagógica e Universitária.

Holliday, O. (2021). "Não quero ser repetido ... Quero ser reinventado": desafios do pensamento de Paulo Freire para a atualidade. **In:** Sousa, C., Lopes, C., Franzen, D., & Vale, E. **(Eds.).** *Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra.* Brasília, Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade, UCB; Teresina, Piauí, Pathos. http://editorapathos.com.br/cartas-para-paulo-freire-da-leitura-do-mundo-a-leitura-da-palavra/

Lipovetski, G. (2016). *Da leveza: Para uma civilização do ligeiro.* Lisboa, Eds. 70.

Sousa, C. (2012). Cartas, Histórias e Educação Jesuítica: Apontamentos sobre os

Primeiros Anos do Colégio Nóbrega (1917-1920). **In:** Cavalcante, M., Holanda, P., Queiroz, Z., & Araújo, J. **(Eds.).** *História da Educação: República, Escola e Religião.* Fortaleza: Eds. UFC (pp. 293-306).

Sousa, C. (2021). Quando a tradição e a inovação se aquecem mutuamente: cartas para

Paulo Freire em tempos de Internet e distanciamento social. **In:** Sousa, C., Lopes, C., Franzand, D., & Vale, E. **(Eds.)**. *Cartas para Paulo Freire: da leitura do mundo à leitura da palavra*. Brasília, Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade/UCB; Teresina, Piauí, Pathos, 2021. http://editorapathos.com.br/cartas-para-paulo-freire-da-leitura-do-mundo-a-leitura-da-palavra/

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 de dezembro 2022